

Teo
Lite
rária

Arquivo recebido em
10 de março de 2011
e aprovado em
30 de abril de 2011

V. 1 - N. 1 -
1º Semestre de 2011

Resenha

Mestre em Teologia e Literatura pela PUC-SP, Doutorando em Teologia e Literatura pela PUC-Rio e membro desde a fundação da Associação Latino Americana de Literatura e Teologia (ALALITE). Também um dos membros coordenadores do GT de Religião, Arte e Literatura da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião (SOTER)

DOI - 10.19143/2236-9937.2011v1n1p208-212

Teologia e Literatura: O início da trajetória da pesquisa no Brasil

Alex Villas Boas*

MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura – Reflexão Teológica a partir da Antropologia contida nos Romances de Jorge Amado**. São Paulo: Editora Loyola, 1994. 387 p.

Antonio Manzatto¹, em 1994, propôs uma leitura teológica da Literatura, em que ensaia a partir do romance na obra de Jorge Amado, e assim teve o início da pesquisa em Teologia e Literatura no Brasil. Estabelece uma interface dialógica por meio da antropologia contida em *Tenda dos Milagres*, uma vez que o “antropológico” tem

1. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutorou-se em Teologia e Literatura pela Université Catholique de Louvain.

valor fundamental para a Teologia Moderna² que por conter um completo “discurso antropológico”, estabelece um método de reflexão entre a antropologia literária e a antropologia teológica.

Destarte, ao escolher a “antropologia amadiana”, Manzatto assume a reflexão sobre o ser humano contextualizado, “concreto” e “situado”, a saber: o homem pobre, subdesenvolvido, oprimido, discriminado, mas que busca sua libertação na busca de felicidade e a vive já de modo antecipado a partir da festa, como modo de ser, e da experiência de amar e ser amado³. Neste concreto substrato antropológico da obra de Jorge Amado, ele reflete sobre o Deus da Revelação que vem ao encontro dessa condição humana, e se auto-comunica realizando as potencialidades humanas e potencializando outras possibilidades, impulsionando o ser humano a ser mais em seu devir histórico.

Ao elencar a categoria *Teologia*, apresenta-a não como o *intellectus fidei* de um Deus etéreo e/ou abstrato, mas o Deus de um povo e, portanto, o labor teológico se presta a conhecer Deus por meio de Seu povo, mais especificamente nos atos de Deus no meio desse povo. Uma *intellectus fidei* que não privilegia a inter-relação Deus/realidade do povo, a saber, a condição humana daquilo que é vivido, corre o risco de ser “logologia”, ou seja, “palavras a respeito de palavras”, o que seria um desserviço à vida⁴:

As relações entre Deus e o homem na história, à luz da fé, refletidas de maneira crítica e atualizada, eis o que a teologia faz. Não sendo antropologia, a teologia tem porém, um discurso antropológico perfeitamente legítimo. No centro da fé cristã se encontra Jesus Cristo, Deus e homem, revelador de

2. É tarefa da teologia cristã que em toda época, todo ser humano, de cada cultura, possa se encontrar com Jesus Cristo e aceitá-lo e à sua proposta do Reino, o que exige uma necessidade permanente de inculturação e, portanto, toca diretamente a questão antropológica, uma vez que a cultura é um produto humano e por meio dela é que se compreende a vida. Nessa questão se insere a *virada antropológica* como necessidade de encontrar “condições de possibilidade” para que o indivíduo moderno possa encontrar na experiência de Deus uma experiência de sentido. O autor que talvez mais tenha colaborado para que essa questão se despontasse seja Karl Rahner (1904-1984) cf. RAHNER, Karl. **Grundkurs des Glaubens – Einführung in den Begriff des Christentums**. Freiburg: Herder, 1984.

3. MANZATTO, **Teologia e Literatura**, op.cit., pp.180-220.

4. Ibidem, pp. 40-41.

Deus e do homem. E se a teologia fala de Deus, ela fala aos homens, e fala sobre um Deus que se fez homem e que ama os homens. Ela está a serviço do humano.

Logo, a Teologia é “ato segundo”, precedida pela experiência de Deus na vida cristã, “ato primeiro”, de modo que a Teologia não é somente reflexão sobre a Palavra de Deus, mas também e com uma atenção especial sobre quem e em que condições escuta essa Palavra⁵, de modo que deve ajudar o ser humano a encontrar a verdade de seu existir, isto é., uma vida que não se aliena de sua realidade, numa falsa visão de fé e vida que é cega às mazelas de seu tempo e de seu povo. É próprio da Teologia responder e ajudar a pessoa de fé a dar respostas aos desafios de seu tempo. Essa é sua condição perene, na qual a Teologia Latino Americana não é senão uma Teologia contextual, “ato segundo de uma vida cristã vivida em um continente rasgado pela pobreza”⁶.

Para a categoria da Literatura, Manzatto não procura estabelecer uma “definição” desta, mas sim contemplar as relações que se firmam nela entre o estético e sua mensagem literária, de modo especial no romance. Por ser uma expressão artística a Literatura atinge a realidade, não diretamente como a História ou a Filosofia, mas indiretamente, pelo simbólico, como relato de uma experiência interna e intensa, cujas palavras exprimem, não raro, o inefável pelo signo do paradoxo. Por isso, diz não dizendo, não descreve nem interpreta, mas representa a realidade, captando o radicalmente antropológico da experiência vivida da condição humana. Por ser analógica e não somente lógica, permite que a ficção seja figura do real e conter uma “verdade mais profunda e mais verdadeira” que o empírico, porque penetra a raiz do *factum*, ou seja, seu sujeito, pois, mais que a análise do objeto de observação, se porta a analisar o observador, suas predisposições e inquietações, suas expectativas e fracassos, seus esperanças e desesperos: “As ciências buscam a exatidão, a filosofia se ocupa dos conceitos, a literatura trabalha com metáforas”⁷.

Enfim, afirma o paradoxo, que foge à lógica clássica e empírica, e apresen-

5. *Ibidem*, p. 53.

6. *Idem*.

7. *Ibidem*, p. 22.

ta, assim, a realidade mais premente da condição humana: sua ambigüidade que faz ceder todo o rigor lógico, sem que, para isso, por ser simbólica, tenha a Literatura que se justificar, mas tão somente expressar e afirmar o *caos* [presente no *cosmos*] que a pretensão humana procura dominar, por temer sua força de desmontar as provisórias ordens criadas. Nesse sentido a Literatura está a serviço do *caos* desmantelador de uma ordem que marginaliza tudo o que não cabe em seu estatuto de interesse social, tarefa que só pode ser cumprida pela sensibilidade humana, arte em que a Literatura é mestra, “um conhecimento do que significa ser humano no mundo”⁸. Essa comunicação da Literatura é veiculada pela beleza (*pulchrum*), e por isso comove o ser em sua existência, seja por apresentar a forma horrenda da mediocridade, seja por vislumbrar novas formas [mais belas] de ser e, portanto, mais profundas, na medida em que a estética [Belo] revela a ética [Bem], até então não percebido, e, por referir-se ao real, revela a veracidade [Vero] desse Bem na existência e o desejo de unir-se [Uno] a essa verdade, de fazê-la sua, por sua coerência estética que encanta e espanta, e assim “humaniza o homem”⁹

A literatura não fala apenas à razão, mas ao ser humano todo inteiro: compreende-se e sente-se o que o autor nos diz, vêem-se suas imagens, sentem-se cheiros e gostos ao se ler uma obra literária. A literatura comunica-se com a razão e com os sentidos humanos. Por isso diz ela que não é feita para ensinar, mas para deleitar. Entretanto, ela busca também “sensibilizar o leitor, dando-lhe uma visão mais ampla dos problemas do mundo, uma vez que o compromisso da literatura é com a alma humana, porque a função artística é registrar a vivência do homem, com suas angústias, glórias e prazeres”. É exatamente nesse sentido que, diante de uma obra literária, tem-se vontade de dizer: “É verdade!”. Por sua coerência interna, essa obra torna-se convincente, não no sentido da persuasão retórica, mas como simples representação. Se é verdade que a arte não se constitui como tal sem o belo, da mesma forma o belo revela novas formas do ser e não se opõe necessariamente à verdade”.

O autor escolhe a categoria de “aproximação” da Teologia com a

8. Idem.

9. Ibidem, p. 38.

Literatura, uma vez que esta não implica necessidade, sendo que uma área não depende da outra, mas encontra-se numa livre decisão de aproximação, por identificarem uma afinidade: o antropológico¹⁰. Para a literatura, que se interessa por tudo o que é humano, a Teologia como forma de pensar a vida a partir da experiência de transcendência, do signo de Deus, de demais símbolos, expressões e valores presentes na cultura, é vista com o interesse de uma realidade humana. Do mesmo modo, o que a literatura oferece de pertinente à Teologia é seu caráter antropocêntrico, em que se dá a experiência de Deus e a partir de onde se inicia a reflexão teológica¹¹:

A experiência de fé não se faz independente das outras experiências humanas e da cultura: ela se faz, sempre, em um contexto determinado. Por outro lado, mesmo se a literatura fala do imaginário, ela o faz partindo do real vivido, da experiência, como já foi dito. Nesse sentido, não é impensável que a teologia utilize da literatura para aproximar-se desse real vivido, como uma forma de dialogar com os homens e as culturas. Assim o literário pode dar à teologia ocasião para que seja feita uma reflexão sobre a Palavra de Deus não a partir do espaço eclesial mas a partir do mundo, e até mesmo fornece-lhe o material para a inculturação da fé, na medida em que apresenta o homem, a sociedade e a cultura.

Para a realidade latino americana, a Teologia e a Literatura colaboram para a busca da identidade de cada nação e para a busca de uma fé que fala sua língua, que lance luz sobre seus problemas, que lance esperança sobre suas angústias. A Literatura ajuda a Teologia a conhecer o seu povo e esta ajuda aquela a conhecer um Deus que conhece este povo¹².

Envio: 10 mar. 2011

Aceite: 30 abr. 2011

10. *Ibidem*, p. 65.

11. *Ibidem*, p. 68.

12. *Idem*, pp.37-38; 43-52.